QUANDO A EDUCAÇÃO INTERCULTURAL LEGITIMA AS RELAÇÕES DE FRONTEIRA

Cássia Rodrigues Gonçalves [1]

Resumo:

Na América Latina (AL) há a preocupação por uma educação que respeite a diversidade cultural. Nos anos cinquenta, os movimentos de "cultura popular" contribuíram para promover processos educativos a partir dos componentes culturais dos diversos grupos populares. Em uma perspectiva intercultural, os educadores e educandos procuram não reduzir a outra cultura a um objeto de estudo a mais que, tal como os demais conteúdos escolares, são desenvolvidos abstratamente. Fui participante, em 2015, do Programa Escolas Interculturais de Fronteira (PEIF) implantado na cidade de Aceguá, localizada na fronteira entre Uruguai e Brasil, que se pautou em aproximar as escolas EMEF Nossa Senhora das Graças e Escuela Nº 74 General Fructuoso Rivera. Fui encarregada de ser a "Formadora da Universidade", o que significou desempenhar a conexão entre a universidade, as escolas de fronteira e estreitar a relação entre todos. Foi selecionado para análise um passeio feito em conjunto (escola uruguaia e brasileira) e duas produções de alunas resultantes deste. A análise discursiva destes corpus foi feita com base no potencial analítico e metodológico dos conceitos de Bakhtin (2011). Nesse sentido, é fundamental reconhecermos que "cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta" (BAKHTIN, 2011, p. 297) a outros enunciados anteriores e a enunciados futuros, sejam eles verbais, imagéticos, sonoros, corporais, híbridos etc. Portanto, "é impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-la com outras posições" (idem, 2011, p. 297). Foi percebido que no decorrer do passeio, as diferenças culturais foram se apagando e pouco a pouco os estudantes começaram a dialogar e interagir uns com outros. Como Fleuri (2007) afirmou: a educação intercultural procura se configurar em uma pedagogia do encontro, não apenas abstratamente, mas concretamente, com o objetivo de promover experiências significativas, e ao mesmo tempo complexas, em que encontros/confrontos de narrativas diferentes se hibridizam em momentos únicos de crescimento para os sujeitos, tornando os encontros experiências não superficiais e profundas. Programas e ações educativas que promovam a interculturalidade, como o PEIF, são fundamentais na interação intercultural e valorização das culturas, linguagens e costumes nas fronteiras. No entanto, para que estas conexões permaneçam institucionalmente ativas é necessário incentivo, vontade de interagir e conhecer provenientes das escolas, professoras e estudantes. Caso contrário, as trocas continuarão existindo, mas em um contexto de informalidade e até mesmo apagamento.

Palavras-chave: fronteira, interculturalidade, discurso

Modalidade de Participação: Pesquisador

QUANDO A EDUCAÇÃO INTERCULTURAL LEGITIMA AS RELAÇÕES DE FRONTEIRA

[1] Aluno de pós-graduação. cadrives@hotmail.com. Autor principal

QUANDO A EDUCAÇÃO INTERCULTURAL LEGITIMA AS RELAÇÕES DE FRONTEIRA

1. INTRODUÇÃO

Na América Latina (AL) há a preocupação por uma educação que respeite a diversidade cultural. Nos anos cinquenta, os movimentos de "cultura popular" contribuíram expressivamente para promover processos educativos a partir dos componentes culturais dos diversos grupos populares. Isto é, a AL em sua vastidão e multiplicidade contribuiu para a construção deste tipo de prática educativa (FLEURI, 2007).

Em uma perspectiva intercultural, os educadores e educandos procuram não reduzir a outra cultura a um objeto de estudo a mais que, tal como os demais conteúdos escolares, são desenvolvidos abstratamente. Nessa perspectiva, todos procuram ou precisariam procurar compreender o modo singular de agir e se expressar do (s) outro (s) (FLEURI, 2007).

Fui participante, em 2015, do Programa Escolas Interculturais de Fronteira (PEIF) implantado na cidade de Aceguá, localizada na fronteira entre Uruguai e Brasil, que se pautou em aproximar as escolas *EMEF*[1] *Nossa Senhora das Graças* e *Escuela Nº 74 General Fructuoso Rivera*. Fui selecionada, por meio de edital, para fazer o papel de "Formadora da Universidade", o que significou desempenhar a conexão entre a universidade e as escolas de fronteira.

Dentre as atribuições desta função estavam: i) preparar teoricamente e metodologicamente os educadores das escolas; ii) auxiliar no diálogo entre estes; iii) auxiliar no planejamento e aplicação de projetos interculturais; iv) colaborar para a aplicação dos questionários sociolinguísticos nas escolas; e v) realizar visitas às escolas brasileira e uruguaia.

2. METODOLOGIA

Foi feito um passeio em conjunto entre alunos brasileiros e uruguaios dos 5º anos, no dia 20 de novembro de 2014. Nessa caminhada foi proposto aos alunos levarem suas câmeras para fotografarem seus locais preferidos da fronteira Aceguá Brasil e Uruguai.

Após o passeio, foi proposto às professoras regentes das turmas que, a partir das fotografias dos alunos, fizessem em sala de aula um trabalho com microcontos. Esse gênero se constitui em pequenos textos literários – surgidos a partir das novas tecnologias – frequentemente vinculados a fotografias, sem o compromisso de descrever ou relatar simplesmente o ambiente concreto, mas em enfocar primordialmente o ambiente interior do autor/autora expondo sua relação intimista com aquilo que está expondo, um novo fazer literário.

A análise do passeio e das produções resultantes deste será feita com base no potencial analítico e metodológico dos conceitos de Bakhtin (2011). Nesse sentido, é fundamental reconhecermos que "cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta" (BAKHTIN, 2011, p. 297) a outros enunciados anteriores e a enunciados futuros, sejam eles verbais, imagéticos, sonoros, corporais, híbridos

[1] Escola Municipal de Ensino Fundamental.

etc. Portanto, “é impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-la com outras posições” (idem, 2011, p. 297).

Qualquer análise linguística, cultural, identitária será “intrinsecamente incompleta e, o que é pior, quanto mais profunda, menos completa” (GEERTZ, 2008, p. 20), uma vez que não há como fazer afirmações categóricas, mas propor apenas um exercício de reflexão e de possibilidades interpretativas discursivas, ideológicas e psicológicas sobre o momento intercultural do passeio e as reflexões posteriores.

3. RESULTADOS e DISCUSSÃO

O primeiro e fundamental “choque” percebido ocorreu no momento do encontro entre os alunos da escola brasileira e uruguaia na rua principal da cidade, que divide os países. A diferença das vestimentas, explicitada na foto a seguir, ficou evidente, uma vez que os alunos brasileiros não utilizam uniformes e os uruguaios fazem uso de tapa-pó.

Sobre o encontro que causa estranheza, Meliá (2015) escreveu: “cuando nos encontramos con alguien en la calle o en el monte, la primera impresión es la distancia con ese otro. Nos movemos en escenarios comunes, cada uno vestido de distancias” (MELIÁ, 2015, s.p.). Neste texto, o autor expõe que a primeira vestimenta da distância é a pele, já que cada pessoa possui uma pele única e irrepetível. A prova disso, diz o autor, são as impressões digitas.

A pele, no entanto, ao mesmo tempo em que demarca a distância, se configura no espaço mais intercultural quando entra em contato com outra pele. Nossas peles são os nossos primeiros contatos com a interculturalidade, com os outros/outras (MELIÁ, 2015).

Entretanto em nossa sociedade, pela própria cultura cristã que estamos inseridos, – dependendo da estação do ano mais intensamente – cobrimos a maior parte de nossas peles com roupas, adornos e calçados. Por esse motivo, o estranhamento visual entre estudantes uruguaios e brasileiros foi compreensível: em suas roupas cada nacionalidade demarcava e demarca seus discursos sobre a escolaridade, a educação e os modos de se portar dentro da escola. Entre os estudantes foi possível escutar comentários a respeito das roupas e adornos dos outros.

No entanto, este desacomodar de (pre)conceitos constitui a proposta principal da educação intercultural, de maneira que por mais que convivamos com o outro, nem sempre nos propomos a enxergá-lo de fato. Quando a escola propõe esse novo olhar e estabelece o encontro entre pessoas de culturas diferentes, esta se desloca do estudar abstrato, deslocado e etnocêntrico da cultura externa. Quando os sujeitos, autores e sustentadores das culturas, são valorizados e colocados em contato de modo solidário o cenário da distância começa a se diluir.

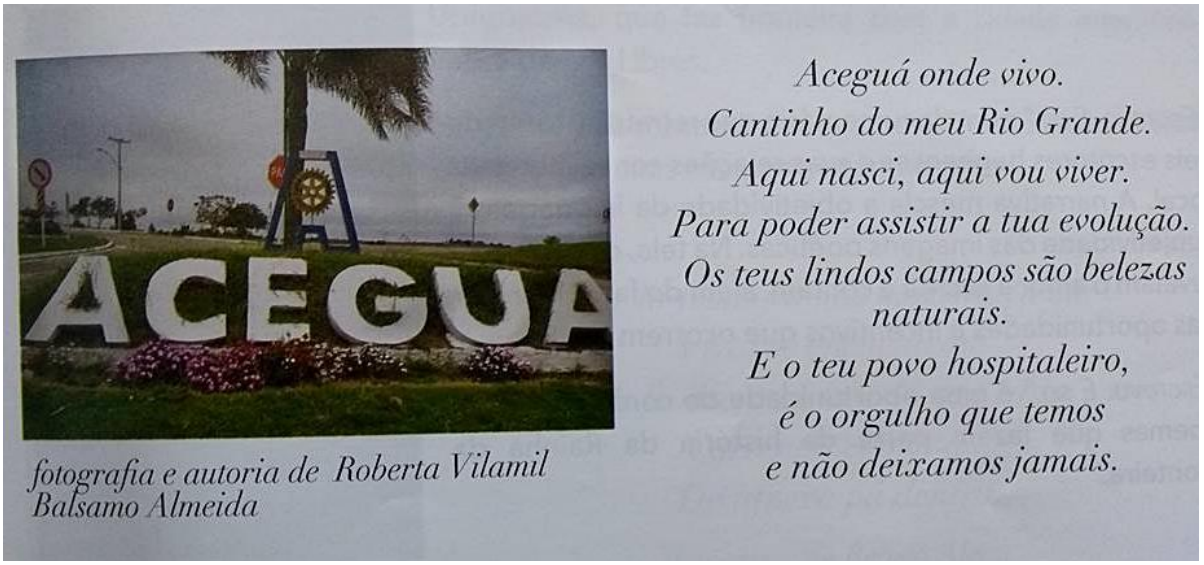
No decorrer do passeio, as diferenças foram se apagando e pouco a pouco os estudantes começaram a dialogar e interagir uns com outros. Ao final, a supervisora Rita de Godoy da escola brasileira, convidou os alunos da escola uruguaia para desfrutarem uma refeição conjunta no refeitório da escola.

Nesse momento, o grupo de estudantes da escola uruguaia ficou imóvel em frente à escola brasileira, enquanto que os estudantes “da casa” entravam normalmente. Em frente à escola e parados os estudantes uruguaios estavam visivelmente temerosos com a visitação ao local, questionaram o que fariam lá dentro e se o tempero da refeição era bom.

Após entrarem, a tensão foi diminuindo e muitos dos “hermanos” repetiram a refeição. Aos poucos, retomaram as conversas uns com outros numa atitude intercultural de (re)conhecimento.

Após o passeio, todos os alunos elaboraram seus microcontos em suas respectivas salas de aula. Nesses microcontos foi solicitado que junto às fotografias os alunos/alunas elaborassem textos sobre como se sentiam a respeito do local escolhido e fotografado.

Abaixo as produções de duas alunas, uma da escola uruguaia e outra brasileira, que fotografaram o mesmo local tendo percepções diferentes e ao mesmo tempo semelhantes:



Produção da aluna brasileira



Produção da aluna uruguaia

Ocupar um espaço de fronteira é traduzido em ambas as produções nos termos “fronteiriço” e “cantinho do meu Rio Grande”. Aqueles que vivem na fronteira de Aceguá convivem em seu cotidiano com os campos e animais que nele habitam. Em nenhuma das produções é vista a separação entre brasileiros e uruguaios, uma vez que é exaltado o caráter de “humanidade” presente nos habitantes locais.

Expressões como “povo hospitaleiro” e “uma menina” podem ser aplicados à muitos outros contextos.

A língua usada nas duas produções foi o Português, talvez pelo fato de ambas alunas saberem que passeio foi proposto por integrantes do PEIF, isto é, brasileiros. Essa transição da língua Portuguesa para a Espanhola é feita de modo muito simples e naturalizado. No espaço fronteiriço é comum falar ambas, bem como o Portunhol e o Dialeto Português do Uruguai (DPU).

O local escolhido pelas duas alunas para representar Aceguá foi idêntico, isso aponta que apesar de serem de nacionalidades diferentes, o espaço de convivência entre as nacionalidades é o mesmo, o que permite o vínculo afetivo de ambas com os mesmos locais. Ser da fronteira é não saber onde começamos e terminamos. Os limites dos países não são suficientes para separar o que a fronteira é capaz de unir pelos laços e convivências.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como Fleuri (2007) afirmou: a educação intercultural procura se configurar em uma pedagogia do encontro, não apenas abstratamente, mas concretamente, com o objetivo de promover experiências significativas e ao mesmo tempo complexas em que encontros/confrontos de narrações diferentes se hibridizam em momentos únicos de crescimento para os sujeitos, tornando os encontros experiências não superficiais e profundas.

Um exemplo das marcas deixadas por este passeio-encontro se mostrou na fala da professora brasileira Maria de Fátima Porto de Oliveira em uma entrevista dada a mim e a coordenadora do programa na UNIPAMPA, Clara Dornelles:

> “A gente ouviu histórias, a gente fez integração entre os alunos daqui e os alunos de lá, a gente ouviu histórias de outros lugares que a gente nem sabia. A gente sabe que tem escola uruguaia ali, mas nunca tinha ido lá.” (Professora Maria de Fátima Porto de Oliveira, da EMEF Nossa Senhora das Graças em Aceguá/BR)

Programas e ações educativas que promovam a interculturalidade, como o PEIF, são fundamentais na interação intercultural e valorização das culturas, linguagens e costumes locais nas fronteiras. No entanto, para que estas conexões permaneçam institucionalmente ativas é necessário incentivo, vontade de interagir e conhecer provenientes das escolas, professoras e estudantes. Caso contrário, as trocas continuarão existindo, mas em um contexto de informalidade e até mesmo apagamento.

5. REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Estética da Criação Verbal. Trad. Paulo Bezerra. 6ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

FLEURI, R. M. Desafios à educação intercultural no Brasil. PerCursos, v. 2, 2007.

MELIÁ, B. USOS Y ABUSOS DEL CONCEPTO DE INTERCULTURALIDAD EN UN MUNDO FRAGMENTADO. In: I CONGRESSO INTERNACIONAL AMÉRICA LATINA E INTERCULTURALIDADE: CENÁRIOS LINGUÍSTICO-CULTURAIS CONTEMPORÂNEOS. Anais. Foz do Iguaçu: 2015. s. p. Disponível em:

<https://unila.edu.br/sites/default/files/files/Anais do congresso FINAL - 01 março 2015 2.pdf>. Acesso em: 21 set. 2017.